

# o Brasil quanto os EUA, avalia Jung

## Perfil



FOTOS: GIORDANO TOLDO/DIVULGAÇÃO/JC

**João Henrique Salles Jung** é graduado em Relações Internacionais pela ESPM e em Ciências Sociais pela Ufrgs, mestre em Filosofia pela Pucrs, doutor em Filosofia pela FernUniversität in Hagen, da Alemanha. Atualmente, é doutorando em Relações Internacionais na USP. É professor associado e vice-

coordenador do curso de Relações Internacionais da Pucrs e docente no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma instituição. É pesquisador em Teoria das Relações Internacionais, Análise de Política Externa, Política Externa Brasileira e Filosofia Política.

### impactos econômicos das tarifas para o Brasil e para sua população?

**Jung** - Depende. Qual é o fato? O fato foi o governo dos Estados Unidos ameaçando taxar em 50% os nossos produtos. O que vai acontecer? Os nossos produtos, quando entrarem nos Estados Unidos, vão ter um valor de 50% acrescido de impostos para o governo dos Estados Unidos. E de onde vão sair esses 50%? Não vai ser um empresário dos Estados Unidos que vai tirar de sua margem, vai aumentar o produto em 50%, e assim funciona o mundo capitalista, quem vai ter que arcar com isso é o consumidor. No Brasil, o que a gente vai sentir ou não vai sentir depende de qual vai ser a resposta do governo de fato. O presidente Lula está falando em acionar a Lei de Reciprocidade Econômica, que levaria, se for seguir estritamente, a fazer com que os produtos dos Estados Unidos também entrem com 50%. E quem vai arcar com isso? Nós consumidores. E aí tem que ver qual o tipo de produto que o Brasil compra dos Estados Unidos. Os produtos que os Estados Unidos compra do Brasil

são, em larga medida, semimanufaturados, muitas commodities e poucos produtos manufaturados. Em contrapartida, qual a principal coisa que o Brasil compra dos Estados Unidos? Petróleo refinado, que é basicamente diesel. Então o preço do diesel tenderia a aumentar, o preço de bens de consumo geral de origem dos Estados Unidos, que vão desde vestuário até eletrônicos e automóveis, tenderia a aumentar. É difícil a gente pensar nessa lógica dos 50%, ou de qualquer tarifa que se imponha, como algo universal em todos os setores econômicos, porque cada setor tem as suas peculiaridades.

### JC - E como avalia a resposta do governo Lula?

**Jung** - A resposta a esse tema especificamente eu acho que foi bem feita por parte do governo brasileiro, e é claro que isso foi junto ao Itamaraty, que a gente deve lembrar que o Ministério de Relações Exteriores do Brasil tem um grupo extremamente competente na gestão de crise, e é uma crise. E acho que a resposta foi bem feita, o Brasil se posicionou firmemente, defendeu sua soberania. Porque agora a

gente falou firme com os Estados Unidos, mas no futuro pode precisar falar firme com a China, por exemplo, ou com a União Europeia. Então demarcar o território e mostrar que aqui o território é nosso, nós temos as nossas leis, e a gente faz a nossa política externa. E pensando que política externa é uma política pública, assim como políticas de educação e de saúde, e que é feita a partir de agentes governamentais em contato com a sua sociedade, ela não pode sofrer interferências ou ceder a chantagens ou a tentativas de barganha espúrias de governos exteriores, sejam eles potência ou não potência, sejam eles ocidentais ou orientais. Então a resposta foi bem feita, foi em um tom correto de demonstrar firmeza, mas firmeza aberta à negociação, e isso ficou claro o tempo todo, que o governo brasileiro está aberto ao diálogo e gostaria de conversar, dizendo que não é por aí o caminho, e vai chamar a OMC (Organização Mundial do Comércio) para ver, de verdade, se estaria dentro do regime internacional do comércio. E eu já respondo que não, que essa linguagem do governo dos Estados Unidos em

relação às tarifas é contrária ao regime internacional do comércio. Tudo isso (resposta e ações do Brasil frente às tarifas) pensando em meios de trazer outros agentes, inclusive, para fazer uma mediação dessa situação entre Brasil e Estados Unidos para poder apaziguar e equalizar, e fazer com que não chegue às vias de fato, em uma realidade em que todos os produtos brasileiros sejam taxados em 50%, o que não é bom para ninguém.

### JC - E medidas e posições do governo Lula anteriores ao anúncio das tarifas, o senhor acredita que podem ter influenciado?

**Jung** - Se a resposta brasileira a essa situação específica foi bem feita e amarrada, a gente deve pensar em alguns aspectos anteriores que levaram a este fenômeno como um todo, e é aí que talvez o governo brasileiro tenha falhado. Me parece que muitas vezes o governo Lula 3 tenha perdido um pouco a mão em relação à política externa, no sentido de que historicamente o Brasil faz muito bem esse balanço, essa diplomacia pendular, essa distância pragmática entre diferentes polos de poder, em que o Brasil tem a tendência a conseguir mediar ou conseguir circular entre blocos econômicos globais. Mas nesse governo Lula 3 parece que está faltando um pouco de tato, principalmente quando entra o governo Trump, acho que faltou um pouco de prudência em algumas declarações, em alguns posicionamentos do governo Lula, principalmente ao que tange à relação com Israel, que é um ponto muito sensível da percepção dos governantes dos Estados Unidos. Então, se a resposta foi bem feita, alguns fatos que levaram à jornada para se chegar neste ponto que o Trump chegou, o governo brasileiro falhou.

### JC - O ex-presidente Bolsonaro é citado na primeira frase da carta enviada por Trump. Avalia ter uma simbologia nisso?

**Jung** - Tem um mise-en-scène, a gente tem uma manobra por parte de Donald Trump completamente fora da linguagem diplomática, da linguagem de como um chefe de Estado se refere a um outro país, ou à situação política de um outro país. Também isso é uma coisa que está dentro do vocabulário político de Trump, essa espécie de "quinta série política", que foge dos protocolos da diplomacia com a qual se lida esses assuntos. É curioso, e as tendências de a gente pensar em articulações de bastidor (por parte de aliados de Jair Bolsonaro)

são fortes. E como a gente lembra, quando existia um governo Bolsonaro no Brasil e um governo Trump nos Estados Unidos, o governo Bolsonaro tinha esse ufanismo em relação a uma aproximação com os Estados Unidos, mas que o Trump olhava sem grandes importâncias. O Trump olhava: 'ok, legal, mas não estou muito preocupado contigo'. E isso ficou evidenciado em uma série de fatos e de eventos quando coexistiram o governo Bolsonaro e o governo Trump. Então agora essa mudança de linguagem, essa importância dada à questão do Bolsonaro, só levantou algumas suspeitas e algumas perguntas do porquê disso. E, novamente, fugindo completamente da linguagem padrão, querendo se intrometer em um assunto de Justiça de um outro país, o que fere as capacidades soberanas de um Estado, e coloca em dúvida a funcionalidade das instituições democráticas de um Estado Democrático de Direito. Então assim, tem um nível simbólico muito forte de trazer o governo Bolsonaro na primeira linha, e tem palavras escritas capitalizadas, como se fosse uma vociferação, um grito. E assim, quais seriam os interesses de Trump por trás disso? Porque novamente, Trump não está nem aí para Bolsonaro, como já foi evidenciado quando coexistiram os governos. A questão é o que pode ter sido prometido para Trump em uma eventual vitória, não do Bolsonaro atualmente, que está ilegível, mas do seu ungido. Também é uma outra questão que vai dar problema (nas eleições do) ano que vem, e vai ser muito turbulento.

### JC - Nos últimos anos, tem havido o aumento de guerras e disputas comerciais mais acirradas. Acredita ser uma tendência de um futuro cada vez mais conflituoso?

**Jung** - Essa é a grande questão, porque eu gostaria de dizer que não, mas infelizmente todas as variáveis que se colocam no papel para montar a equação dão uma equação conflituosa, beligerante. Faltam instrumentos que a gente consiga vislumbrar hoje que possam desenhar um futuro, pelo menos num médio prazo, mais positivo, mais pacífico. Acho que a gente tem que imaginar algumas possibilidades desse cenário mudar, e começar com a resolução do conflito russo-ucraniano, que mobiliza todas as potências. E vejo mais solucionável o conflito entre Rússia e Ucrânia do que o no Oriente Médio, apesar de estar com um cessar fogo agora.